

10

ÓRFÃOS DO ELDORADO E A FICÇÃO MÍTICA

ÓRFÃOS DO ELDORADO AND THE MYTHIC FICTION

Cléviton Maciel Moura Melo Silva

Mestre em Linguística pela Universidade de Franca (Unifran) e professor da rede estadual do Estado de São Paulo.

Vera Lucia Rodella Abriata

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp – Araraquara). Docente do Curso de Letras e do Mestrado em Linguística da Universidade de Franca (Unifran).
Vice-coordenadora do programa de Mestrado em Linguística (Unifran).

RESUMO

Este trabalho analisa o diálogo entre a novela *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, e o mito do Eldorado, com base na teoria semiótica francesa e em referenciais teóricos relacionados à construção do discurso mítico. Procuramos analisar o percurso narrativo de Arminto que, como sujeito de estado, oscila entre a sanidade e a loucura, oposição semântica que se associa ao percurso da perda de valores práticos por Arminto. Assim, movido pelo ressentimento em relação ao abandono do pai, o ator dissipa sua riqueza. Por outro lado, Arminto se apaixona por Dinaura, mulher misteriosa que vivia entre as órfãs, amparadas por freiras do convento da cidade, e financiada pelo pai de Arminto. Este por ela se apaixona, mas a conjunção entre ambos se esvai, pois ela desaparece misteriosamente. O objetivo do trabalho é mostrar o modo como o mito do Eldorado foi recriado pelo enunciador na obra, associando-se ao espaço mítico nela projetado, onde Arminto imagina poder resgatar a amada Dinaura, no espaço ancorado na Amazônia.

Palavras-chave: Milton Hatoum; ressentimento; discurso mítico.

ABSTRACT

This work aims at analyzing the dialogue between the novel “Ór-fãos do Eldorado”, by Milton Hatoum and the myth of Eldorado, based on the French semiotics theory and on the theoretical references related to the construction of the mythical speech. We aim at analysing the narrative passage of Arminto that, as subject of state, oscillates between the health and madness, a semantic opposition that is associated with the passage of the loss of practical values for Arminto. Thus, moved by the resentment in relation with the abandonment of the father, the actor wastes its wealth. On the other hand, Arminto falls in love with Dinaura, tupuia indian who lived among the orphans, supported by the nuns of a convent of the city, and financed by the father of Arminto who falls in love with her. But the conjunction between both actors comes to an end, therefore she disappears mysteriously. Our research aims at showing the way the myth of Eldorado was recreated by the enunciator in the work, being associated with the mythical space projected in it, where Arminto imagines to be able to rescue the loved Dinaura, in the space anchored in the Amazon.

Key words: Milton Hatoum; resentment; mythical.

INTRODUÇÃO

O texto hatouniano, objeto que constitui o nosso *corpus*, traz desde o título um sinal de que o Eldorado se reconstrói mitopoeticamente na obra. Para Houaiss e Villar (2001), Eldorado se define como: “cidade ou país fictício que exploradores do séc. XVI afirmavam existir na América do Sul”; “local pródigo em riquezas e oportunidades”.

Na história do romance, observa-se que ao perder o pai Amando, Arminto, em estado de carência afetiva desde o início da narrativa, no velório de seu pai, conhece e se encanta por Dinaura, que “[...] tinha jeito de moça crescida. Parecia uma mulher de duas idades” (HATOUM, 2008, p. 28). “De repente o olhar me encontrou e o rosto anguloso sorriu” (HATOUM, 2008, p. 28).

Até esse momento da narrativa, Dinaura é caracterizada como uma índia órfã e misteriosa que vivia com as freiras no convento da cidade. Algumas figuras como “rosto calado”, “só encontra silêncio”, “Mulher encantada”, “queria viajar para a cidade submersa”; que cercam o ator Dinaura, ao longo da narrativa, nos fornecem gradativamente pistas de seu mistério que encanta Arminto que, com a morte do pai, precisa tomar conta dos negócios deixados por Amando. Como Arminto era seu único herdeiro, caberia a ele esse “dever-fazer”.

Nesse sentido, estabelece-se na obra um conflito de modalidades, pois Arminto não queria fazer, ou seja, cuidar dos negócios herdados, mas deveria-fazer e partiu então da cidade junto com Estiliano, advogado e amigo da família, para abertura do inventário paterno em Manaus. Como previsto, herdara os negócios do pai e alguns outros bens, mas pediu que Estiliano dirigisse a empresa dos Cordovil. Diante da negativa do advogado, “Podes morar em Vila Bela e passar uns dias em Manaus. E cuidar da fazenda Boa Vida” (HATOUM, 2008, p. 30), Arminto deixou claro seu desinteresse: “Não tenho experiência

e nem vontade [...]” (HATOUM, 2008, p. 30). Mas acabou cedendo e com muita pouca vontade tentou administrar a empresa:

Passava no escritório, via a papelada sobre a escrivadinha, e me enervava com os problemas de todo tipo: peças de máquina, demissão ou admissão de empregados, cargas extraviadas, taxas alfandegárias, impostos [...]. Fui patrão antes do tempo e isso me surpreendeu” (HATOUM, 2008, p. 30).

Entretanto, Arminto revelou incapacidade para administrar a empresa e não conseguiu ficar nem dois meses em Manaus. Certa vez, ao voltar a Vila Bela, reencontrou Dinaura. “A mulher de duas idades”; “Não lembrava com nitidez do rosto; dos olhos; sim, do olhar...” (HATOUM, 2008, p. 31).

Esse reencontro marcou a vida de Arminto para sempre: “Encontrei outra coisa, que só depende do acaso, de um único momento da vida. E percebi que era tarde demais para desfazer o destino” (HATOUM, 2008, p. 31).

Apaixonado, Arminto passou a ver em Dinaura a possibilidade de preenchimento da carência que sempre marcara sua vida. “Eu queria viver com Dinaura [...]. Não sei se minha vida era menos triste que a dela. Era mais fútil. Vazia” (HATOUM, 2008, p. 31).

Na cena citada as figuras “vida triste”, “fútil”, “vazia” remetem ao estado de desamparo do sujeito e revelam-nos que Arminto procurou buscar em Dinaura o apoio para superar sua carência afetiva. Lembramos que o sujeito carente tem tendência a mitificar. Segundo Calame (1990, p. 30), o processo simbólico pode se manifestar ou ser iniciado a partir de um acidente no estado afetivo dos indivíduos. A nosso ver, houve um acidente no estado afetivo de Arminto, pois o mesmo nasceu disjuncto do afeto maternal, esperava ter afeto do pai, frustrou-se nessa expectativa e, quando o pai morreu, transferiu essa espera de suprir a falta afetiva que sentia para Dinaura, que se tornou seu objeto-valor.

Entretanto, Dinaura se revelava um ser misterioso, que sempre desaparecia de suas vistas. Desnortado, Arminto tentou de todas as maneiras encontrar a amada, seguia-a sempre para tentar falar com ela, mas nunca conseguiu ouvir sua voz. “Foi um namoro silencioso. [...] Nunca revelou quando havia entrado no orfanato. E me acostumei com o silêncio, com a voz que eu só ouvia no sonho” (HATOUM, 2008, p. 41).

A beleza de Dinaura também induziu Arminto a desejá-la. Assim, ele foi manipulado pelo querer-fazer, ou seja, queria conquistá-la. E Dinaura foi atraindo Arminto dia a dia, tanto pelo seu modo de ser, como pelo seu modo de se insinuar a ele. “Na tarde de um domingo Dinaura passou na frente do palácio branco e sorriu para mim com lábios vorazes” (HATOUM, 2008, p. 33). Nesse excerto a figura “lábios vorazes” revela a manipulação por tentação, pois Dinaura, insinuando-se, ofereceu a Arminto um objeto-valor positivo.

Enquanto as meninas brincavam, Dinaura lia um livro à sombra de uma mangueira. Usava um vestido de chitão florido, e só parava de ler para contemplar o rio.[...] Atravessei o caminho de terra e sentei no lugar onde ela estivera lendo. Dinaura deixou o livro na areia e entrou sozinha na água. [...] Quando ela apareceu nua, com o vestido enrolado no pescoço, senti o corpo tremer de desejo. Tenho certeza de que me viu, porque as meninas apontavam para mim [...]. De longe fiquei lambendo aquele corpo na luz do fim da tarde. [...] quando me aproximei do rio, Dinaura já estava vestida [...]. Disse que queria conversar com ela. Vi os olhos de espanto no rosto fora do mundo, o sorriso nos lábios grandes e molhados, ainda toquei nos ombros dela, antes de vê-la correr para a praça do Sagrado Coração (HATOUM, 2008, p. 34).

Essa cena fornece-nos mais indícios do caráter misterioso de Dinaura, sujeito que se revela ambivalente, e essa contraditoriedade do ator feminino foi também propícia para que ela se configurasse como um ser mítico para Arminto. Assim, ao mesmo tempo em que ela se insinuava, ela fugia do sujeito protagonista da história.

As figuras “apareceu nua”, “tremor de desejo”, remetem ao tema da mulher fatal que manipula o homem, levando-o ao desejo erótico. Por outro lado, as figuras “ao olhar do rio” e “nele mergulhar”, antecipam ao narratário a possibilidade de que seu Eldorado estaria no espaço aquático, lugar onde posteriormente Arminto imaginará que se deu o seu desaparecimento. Aqui, percebe-se que a narrativa vai tomando caminhos que nos conduzem ao mítico.

Até nos sonhos Dinaura seduzia Arminto, “Os sonhos e o acaso me levavam por um caminho em que Dinaura sempre aparecia” (HATOUM, 2008, p.33), o que revela a obsessão do rapaz por ela.

Após encontros casuais e após a permissão da mãe do colégio, Dinaura e Arminto começaram a namorar. Todas as tardes de sábado eles se encontravam na praça da matriz. Após alguns encontros Arminto recebeu um bilhete de Dinaura, convidando-o para a festa da padroeira da cidade:

Num dia de julho, um mendigo da praça entregou um envelope para Florita. Era um bilhete de Dinaura: Festa da Santa Padroeira. Vamos? A festa é na noite de dia 16 de julho e até hoje afogueia a cidade. Vinhamromeiros do interior do Amazonas e do Pará (HATOUM, 2008, p. 42).

Chegara o dia da festa e, apaixonado, Arminto não via a hora de se encontrar com Dinaura. Ao chegar à praça, observava as pessoas que chegavam para a festa:

Na tarde de 16 de julho as órfãs e as internas entraram na praça do Sagrado Coração de Jesus em fila indiana. Ninguém usava uniforme. Vi as filhas de famílias ricas separadas das órfãs, e uma roda de meninas tapuias encolhidas pela timidez e pobreza. Todas gostavam da festa da Padroeira porque era o dia mais livre do ano. Podiam atolar os dentes na comida e nos doces; podiam dançar e cantar até às dez da noite (HATOUM, 2008, p. 43-44).

Arminto desejava ardentemente estar com Dinaura, mas não a en-

contrava. Enquanto procurava por ela, apreciava a festa e a devoção das pessoas que homenageavam a padroeira da cidade:

[...] O que eu mais queria era ver Dinaura. Ouvi o coral das internas; depois o Trio Tavares tocou modinhas com cavaquinho, violino e nhapé, um chocalho indígena. Quando anoiteceu, o bispo pediu ao povo que ouvisse em silêncio a penitência de sete órfãs. [...] Não me lembro das outras penitências, só da última. Os lampiões já iluminavam a praça e, quando a moça parou de falar, meu corpo estava amolecido por um suadouro. O nome da penitente era Maniva. Magrinha e baixa, diz que veio de muito longe para trabalhar na casa de um vereador e acabou no orfanato. Ela havia estudado nas missões do Alto Rio Negro, por isso falava português. Antes de morar no orfanato de Vila Bela, não parava de sonhar com sangue. [...] Os romeiros e as órfãs aplaudiram com muita zoadá, e eu fiquei pensando na penitente e nos pesadelos com sangue. Maniva, os romeiros, as órfãs, as religiosas, todo mundo estava enlouquecendo? (HATOUM, 2008, p. 44-46).

Num momento de distração, enquanto ouvia e se impressionava com o relato da penitente, Arminto sentiu o cheiro e o toque de Dinaura:

Parecia alucinação, porque, em meio aos vivas à Virgem, senti um cheiro de lavanda, um arrepio no pescoço, e, quando me virei, os lábios de Dinaura tocaram meu rosto. Ela apareceu sem que eu percebesse, e me acariciou com as mãos mornas que me deixaram febril. Senti o corpo de Dinaura e comeci a suar, e ela só se afastou quando três tocadores de tambor e uma dançarina entraram no coreto (HATOUM, 2008, p. 46).

O efeito de sentido de verdade no excerto acima se faz notar por meio das isotopias figurativas. Trata-se de isotopias olfativas “o cheiro da lavanda” e táteis “um arrepio no pescoço”, “lábios de Dinaura” e “o toque no rosto” que remetem ao tema do desejo sexual.

Na cena abaixo, há reiteração de isotopias que também remetem ao tema do desejo sexual. O “dançar sozinha” figurativiza a mulher fatal que tem por objetivo seduzir e se insinuar. O “apertar do braço”, “a mão suada”, “a coxa tremida” e “os pés que batiam no chão” são

figuras que remetem a isotopias táteis e que tematizam o erotismo da mulher que parecia “querer-estar” em conjunção com Arminto:

Eram músicos do quilombo Silêncio do Matá. A surpresa da noite. Um dos homens acendeu uma tocha e esticou com o calor do fogo o couro de cobra dos tambores. A dançarina disse em voz alta que eles iam fazer uma homenagem à Virgem. Então ela começou a dançar, sozinha, no meio do coreto. Os músicos quietos. Era bonito ver a dança no silêncio. Uns minutos assim. E, de uma só vez, os sons dos tambores, fortes que nem trovoadas. Dinaura apertava meu braço com a mão suada; a coxa tremia, os pés batiam no chão (HATOUM, 2008, p. 46).

Por outro lado, as figuras “ombros nus” e “olha para o céu”, “mulher volúvel” de “alma instável”, presentes no excerto abaixo, remetem respectivamente para as oposições semânticas do nível fundamental “carnalidade *vs.* divindade (inferno *vs.* céu) que se harmonizam no texto de Hatoum. Assim, Dinaura apresenta-se como figura mítica, pois demonstra através dos gestos e da dança que harmoniza termos contraditórios (GREIMAS; COURTÉS, s.d, p. 280-281):

De repente me largou correu até o coreto e começou a dançar. Foi uma gritaria, e não eram gritos de devoção. Bela, imitava os movimentos e o ritmo da outra, os ombros ficaram nus, e não olhava para mim e sim para o céu. Acho que não enxergava nada, ninguém. Cega para o mundo, possuída pela dança. Dançaram juntas como se tivessem ensaiado. No fim se abraçaram, e Dinaura saiu por trás do coreto. Sumiu. Como eu podia entender uma mulher tão volúvel, de alma tão instável?” (HATOUM, 2008, p. 46-47).

Numa das tardes de sábado, sob uma forte chuva, Dinaura levou Arminto à plenitude, os corpos dos dois amantes se fundiram aos elementos da natureza numa comunhão perfeita de desejo e amor:

A chuva aproximou com uma zoadá de cachoeira. Parecia que estávamos sozinhos na cidade e no mundo. Ela deitou na terra molhada, o pano do vestido colado na pele morena; se despiu sem pressa, a anágua, o corpete e o sutiã, ficou de pé, nua, e tirou minha roupa e me lambeu e chupou com

gana; depois rolamos na terra até a mureta da Ribanceira, e voltamos para perto da árvore, amando como dois famintos. Não sei quanto tempo ficamos ali, acasalados, sentindo a quentura nas entranhas da carne. Mal pude ver a beleza do corpo, abismado com o jeito dela, de amar. [...] Acordei com os estalos da chuva no rosto, e cometi a imprudência de beijar Dinaura com um desejo quase violento. Queria tocar a pele, beijar o corpo dela. Queria mais. Os olhos diziam não [...] Ela se vestiu e fez um gesto: que a esperasse, voltava logo. Saiu correndo. Como se fugisse de uma ameaça. Fui atrás dela e parei no meio da praça. Voltei, me vesti, esperei por ela no mesmo lugar (HATOUM, 2008, p. 51).

Observa-se, nessa cena, a conjunção amorosa entre o casal de amantes. As figuras: “deitou na terra”, “vestido colado na pele morena”, “se despiu sem pressa”, “a anágua”, “o corpete e sutiã”, “ficou nua”, “tirou minha roupa”, “me lambeu” e “chupou com gana”, “amando como dois famintos”, remetem ao tema do desejo erótico que se concretiza, ainda, como se observa, por meio das figuras “ficamos ali acasalados”, “sentindo a quentura nas entranhas da carne”, e deságuam no tema da paixão amorosa e do gozo físico do casal.

Por outro lado as figuras: “chuva”, “terra molhada”, “árvores”, ancoram o texto no espaço da natureza onde ocorre a comunhão física entre os amantes.

Segundo Coquet apud Calame (1990, p. 2), o mito é “uma matriz de inteligibilidade” que permite dar um sentido ao mundo. Esse fazer interpretativo que é dar um sentido ao mundo por meio de uma narração oral, por exemplo, ocorre sempre quando o mundo age: nascimento, morte, acontecimentos naturais como a tempestade, a chuva, a renovação da vegetação, etc.

A comunhão carnal de Dinaura e Arminto sob uma forte chuva nos mostra que, a partir desse momento, Arminto encontrou resposta a uma “situação nova”, encontrou um sentido para seu mundo, conforme as reflexões de Calame (1990, p. 30).

Entretanto, Dinaura fugiu de Arminto, o que é um procedimento recorrente do ator feminino ao longo da história. Nosso protagonista, no entanto, não entendia o motivo de suas fugas. Até que um dia ela desapareceu para sempre da vida de Arminto e ele, mais uma vez, tornou-se um sujeito angustiado, em disjunção com o ser amado, ou seja, esse desaparecimento de Dinaura causou novamente um estado de desequilíbrio, de carência afetiva em Arminto.

Convém destacar que Calame (1986, p. 149), ao se referir às práticas semióticas cuja função é, em geral, manter ou restabelecer uma situação social de equilíbrio, assinala que o mito introduz frequentemente a ruptura, a falta, que “temporaliza” ou “narrativiza” a prática social, inscrevendo-a em um esquema narrativo.

Reencontrar sua amada passa a ser uma obsessão para Arminto, e o esquema narrativo da busca da amada vai levá-lo a seu processo de mitificação, com base nas histórias lendárias da população do lugar que se harmonizavam às histórias míticas que ouvira na infância. Assim, passou a ouvir o que diziam os caboclos sobre o desaparecimento misterioso da amada. Cansado de procurar sozinho, resolveu pagar para que os práticos Joaquim Roso, Ulisses Tupi e Denísio Cão procurassem por seu grande amor. Depois de tanta espera, Arminto teve notícias dos barqueiros que voltaram da procura. Joaquim Roso e Denísio Cão chegaram primeiro e não trouxeram notícia alguma sobre o paradeiro de Dinaura. A última esperança de Arminto estava depositada no regresso de Ulisses Tupi.

[...] esperei Ulisses Tupi, famoso por encontrar saída nos labirintos dos nossos rios. Chegou de surpresa, barba tão crescida que escondia os olhos. Parecia outro. Jurou que Dinaura estava viva, mas não no nosso mundo. Morava na cidade encantada, com regalias de rainha, mas era uma mulher infeliz. Ele ouviu isso nas palafitas de beira de rio, nas freguesias mais distantes; ouviu de caboclos solitários, que vivem com suas sombras e visões. Dinaura foi atraída por um

ser encantado, diziam. Era cativa de um desses bichos terríveis que atraem mulheres para o fundo das águas. E descreviam o lugar onde ela morava: uma cidade que brilhava de tanto ouro e luz, com ruas e praças bonitas. A cidade encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância (HATOUM, 2008, p. 64).

Nesse momento a narrativa foi revelando aspectos da narrativa do mito do Eldorado, e o narrador, simulacro do enunciador, passou a recompô-la, utilizando-se de lendas que ouvia dos ribeirinhos a respeito do desaparecimento de Dinaura. Para Leite (2009, p. 6), a novela em questão “tem como ponto de partida o mito do Eldorado, para recusá-lo, e, na nova história contada, reencontra-se a mesma força ancestral do mito”.

Portanto, o desaparecimento da mulher amada e as histórias lendárias que se criavam sobre ela fizeram com que Arminto, cuja mente já era permeada por histórias mitológicas, que na sua infância ouvia da índia Florita, buscasse no universo mítico o apoio para suprir sua carência afetiva, uma vez que não entendia o desaparecimento da amada, e passou a procurar por ela incansavelmente no espaço amazônico que se figurativiza na obra como a metáfora do Eldorado.

Desse modo, ele foi a seu encontro na ilha do Eldorado como se ela, seu “Eldorado”, – o próprio nome de Dinaura seria o daquela que (dispersa, espalha luz), de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1998, p.100) – pudesse sanar o vazio existencial que o acometia. Aqui, percebe-se que Arminto projeta-a em um espaço utópico, ou seja, mitifica Dinaura em busca de superar as aflições que o acometiam.

Ao final do relato o enunciador não explicita se Arminto encontrou Dinaura, ou se ela passa a ser uma projeção mítica de seu imaginário. Podemos apreender, no final da narrativa, que ele volta do lugar onde poderia estar Dinaura, enfim, pacificado pela crença na conjunção com a amada.

Assim, apesar de estar no nível do ser, em disjunção com o objeto-valor que queria, ao nível do parecer, passou a acreditar, no entanto, que estava em comunhão mítica com a amada. Nesse aspecto teria encontrado seu eixo, seu centro, não se importando que os outros o considerassem “doido”.

Podemos concluir relembando Eliade (1991, p. 7), quando observa que nas sociedades arcaicas o mito representa uma história verdadeira afastando-se do sentido de simples efabulação encantatória. Ainda segundo Eliade (1991, p. 11), o mito narra como uma realidade passou a existir.

Com base nessas reflexões do estudioso de mitologia, podemos concluir que o enunciador fornece-nos os indícios para que façamos a leitura da configuração do mito, que Arminto teria criado a fim de suportar o caos de sua existência anterior. Desse modo, transformou, a partir de sua crença no reencontro com a mulher amada no espaço amazônico, metáfora do Eldorado, o caos em cosmos, onde ele e Dinaura, os “órfãos de Eldorado”, poderiam viver em comunhão.

REFERÊNCIAS

CALAME, C. Mythique: discours, niveau. In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1986. v. 2.

_____. *Illusions de la mythologie*. Nouveaux actes sémiotiques. Pulim: 1990.

CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. Tradução de J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. (Coleção Debates, 50).

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

COURTÈS, J. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Tradução de Norma Backes Tasca. Coimbra: Livraria Almedina, 1979. Título do original: *Introduction à la sémiotique narrative et discursive*.

ELIADE, M. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Coleção Debates, 52).

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

GREIMAS, A. J. *Du sens*. Essais sémiotique. Paris: Edicion du Seul, 1983.

GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, s.d. Título do original: *Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de M.J.R. Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Da imperfeição*. Pref. e tradução de Ana Cláudia de Oliveira; apres. de Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski. São Paulo: Hacker Editores, 2002. Título do original: *De l'imperfection*.

HATOUM, M. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.